

BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE JANEIRO DE 1910

N.º 264

As innundações do mez de Dezembro



No Porto. — *Aspecto de uma rua em Miragaia por occasião da cheia*

DOZE ANNOS

O *Brasil-Portugal*, ao apparecer o proximo n.º 265, entra no 12.º anno da sua existencia.

Lançado o seu programma em 1899, manteve-se: manter-se-ha, seguindo a mesma imparcialidade, a mesma independencia e o mesmo meticoloso cuidado de, em litteratura e arte, corresponder progressivamente á *sympathia publica*.

Não reedita, pois, as primitivas promessas. Simplesmente continua a procurar excedel-as de anno para anno, sem nunca se arredar do posto conquistado á custa de luctas, esforços e sacrificios.

No numero d'esses sacrificios avulta o das successivas reduccões de preços, que vem a proposito recordar n'este momento.

No 2.º anno reduziu-se o preço:

Em Portugal — de 7\$000 a 6\$000 réis

No 3.º anno reduziu-se:

Em Portugal — de 6\$000 a 5\$400 réis

No Brasil — de 45\$000 a 36\$000 »

No 8.º anno a reduccão foi:

No Brasil — de 36\$000 a 26\$000 réis

No 9.º anno foi reduzido o preço:

Em Portugal — de 5\$400 a 3\$600 réis

O 12.º anno de vida do *Brasil-Portugal* começa com uma nova reduccão de preço, no Brasil, para a qual tambem contribue a actual situação do cambio.

A assignatura annual, que custava lá 26\$000 réis, passa a ser de 14\$000 réis e o numero avulso que custava 1\$200 réis passa a ser vendido por 600 réis.

Aqui deixamos consignado este appendice ao programma com que os fundadores do *Brasil-Portugal* ha 12 annos lançaram o primeiro numero da sua publicação.

A DIRECCÃO.

No dia da abertura das Côrtes



O cortejo real



No dia da abertura das Côrtes. — Á PORTA DO EDIFÍCIO
A comitiva de EL-Rei

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Um anno a raros deixa saudades. A quem deixaria saudades esse negregado 1909? A'quelles a quem sahiu a sorte grande, casaram com velha rica ou foram chamados á presidencia do conselho... não aquecendo o lugar. 1910. Principiou bem mas logo arripou carreira. As côrtes abrem n'um dia e fecham n'outro. O sr. Beirão presidente do conselho. O que elle pensará hoje da sua situação. Como elle era feliz! No que elle se foi metter! O sr. Beirão e a sua poltrona do Gremio Litterario. A pobre poltrona do sr. Beirão. Ella espera-o! — Um livro do sr. José Barbosa.

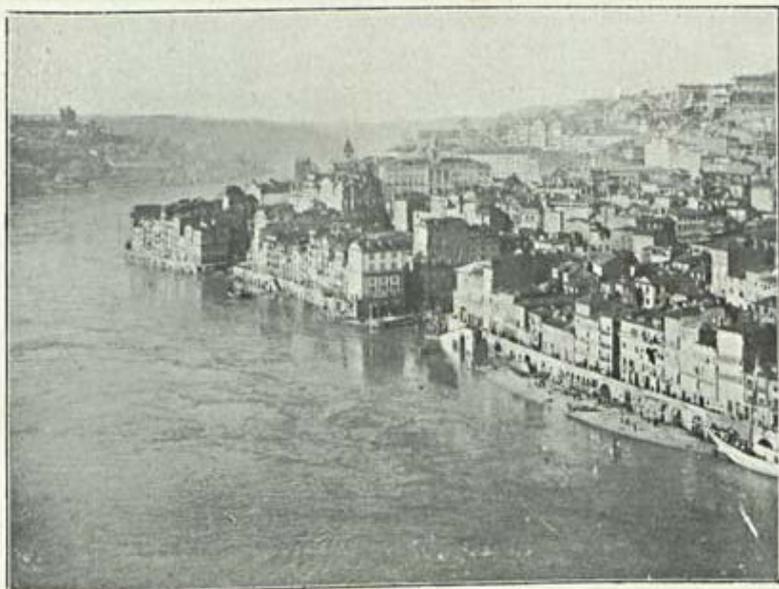
Em geral, nunca nos despedimos de um anno com saudade, comquanto elle represente uma enchadada na nossa cova. Para o commum dos mortaes, com exclusão d'aquelles a quem sae a sorte grande e dos que casam com velhos ou velhas ricas ou são chamados a organizar ministerio, um anno é, sempre, um cyclo de arrelias e apoquentações a accrescentar ao rosario de cyclos identicos que constitue a vida. O côro de imprecações contra o anno que se extingue é quasi geral, porque os felizes são poucos, muito poucos, comquanto a sorte grande seja tudo o que ha de vulgar, — tão vulgar que sae sempre ás sextas feiras —; uma presidencia de conselho seja tambem bola premiada de seis em seis mezes (além das loterias extraordinarias) e um velho ou uma velha rica não custem muito a arranjar a quem se dê ao exclusivo trabalho de os procurar.



No dia da abertura das Côrtes. — Á PORTA DO EDIFÍCIO
Cliché de A. C. Lima). A guarda real de archeiros

Como vêem, os prémios são pouquíssimos em relação ao numero dos habilitados para a loteria e dos que se julgam habilitados para a presidencia do conselho e para o consorcio com velhos ricos. Pelas minhas contas e salvo erro, devem ser... Ora vejamos: n'um anno temos cinquenta e duas loterias. Logo, cinquenta e duas sortes grandes. Bem. Com duas presidencias de conselho, cinquenta e qua-

As inundações do mez de Dezembro



Aspecto geral da cidade do Porto quando a cheia do Douro já ia decrescendo

O anno de 909 que ha pouco desapareceu na voragem do tempo, a poucos, muito poucos, terá deixado saudades. Foi verdadeiramente calamitoso para nós. As catastrophes de abril e dezembro — terremotos no Ribatejo e inundações no norte e sul do paiz — bastariam a assignalar tragicamente esse anno que não nos deu um só dia de jubilo. Não pode ter deixado saudades a ninguém. Terminou e ainda bem! Parece que nos tiraram de cima do peito um grande peso.

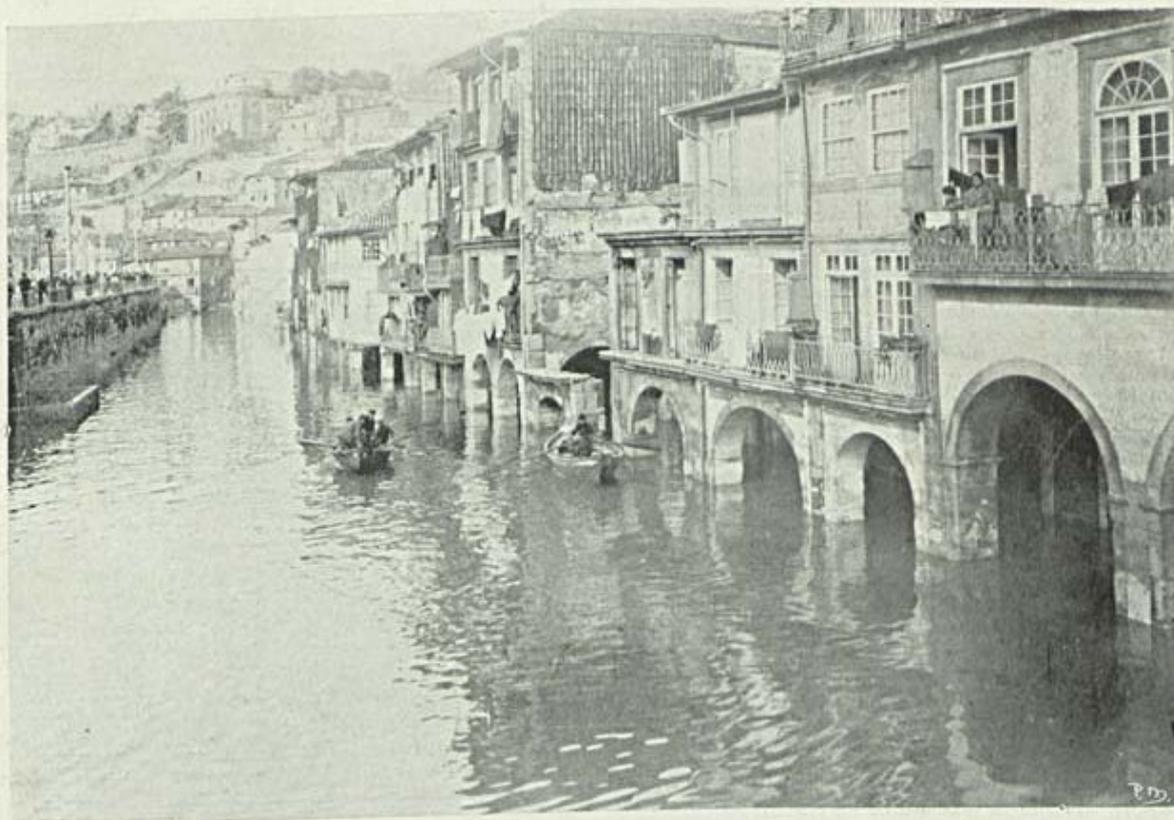
Este jovem 1910 começou bem mas também já desembestou. O seu primeiro dia foi lindo. Vieram para a rua as damas e houve uma razzia nas pastelarias. O dia 2 também esteve bello. Abriram-se as côrtes, como manda a lei fundamental, vieram as tropas para a rua e houve outra razzia, mas essa nos alentados peitos das creadas de servir. N'esses dois dias, estomagos e corações estiveram confortados. Mas logo no dia 3 um acontecimento veio azedar estomagos e alvoroçar corações. As côrtes abertas na vespera para trabalharem a valer pelas prosperidades de nós todos, foram addiadas, por se ter reconhecido não haver muita urgencia em ralarem-se os paes da patria pelo bem-estar de quem ainda estava a abarrotar do bolo rei e peru assado.

Isto veio perturbar a paz geral. No dia 4, feitas as digestões dos restos dos dias de festa, os politicos, que, como dizia Marianno de Carvalho, são pessoas de muito alimento, desataram a berrar contra a inconstitucionalidade do adiamento e desde então fazem ranger as pennas ardentes no almasso dos linguados, o que equivale ao bater de talheres nos pratos dos restaurantes, chamando os creados...

As coisas chegaram a ponto que o sr. Beirão, apesar dos seus intuitos economicos e moralisadores, resolveu dar chá e bolos ás maiorias no ministerio do reino — a vér se acalmava os animos. Um simples paliativo. Não é com duas chicaras de chá e quatro pasteis de côco que se resolve uma questão tão antiga e substancial. E tanto assim, que o sr. Antonio Cabral, escabichando os dentes, pediu a palavra e lembrou ao sr. presidente do conselho o indeclinavel dever de contentar os correlegionarios da provincia, que não é gente para chá e guloseimas. Como quem diz: aqui, ou comem todos ou ha moralidade! O sr. Beirão tremeu e deu ao diabo a cardada, amaldiçoando a hora em que accedera ao convite de El-Rei para organizar ministerio. Eram 11 da noite. A essa hora costumava s. ex.^a, d'antes, estar no Gremio, enterrado n'uma fofa poltrona, a folhear descuidadamente as illustrações, feliz, contente com a sua sorte. Com que saudade elle recordaria este cantinho da bibliotheca do nosso club, este socego apenas interrompido pelos tropeços passos do Silvestre no tapete e as firmes tacadas do sr. Ferreira do Amaral, em baixo, no bilhar da botica!

Ah conselheiro, conselheiro! Do sitio onde escrevo vejo a sua cadeira, viuva da sua amavel companhia, estender os braços, que ninguém aceita, como que n'um gesto de desolação! Para que a deixou, conselheiro? Para que a abandonou, v. ex.^a, que tanto a

tro. Casamentos com velhos ricos, quantos?... Cem? Cento e cinquenta? Demos de barato que são duzentos, mesmo para não desanimar algum leitor que tenha em vista a perpetração d'esse sacrificio. Temos, portanto, duzentos e cinquenta e quatro premios para os homens e duzentos e cinquenta e dois para as senhoras, visto que ellas, por ora, não pensam na presidencia do conselho. Ora duzentos e cinquenta e quatro premios para cinco milhões de habilitados é uma comedella quasi tão escandalosa como a da loteria da Santa Casa da Misericordia.



RIO D'OIRO

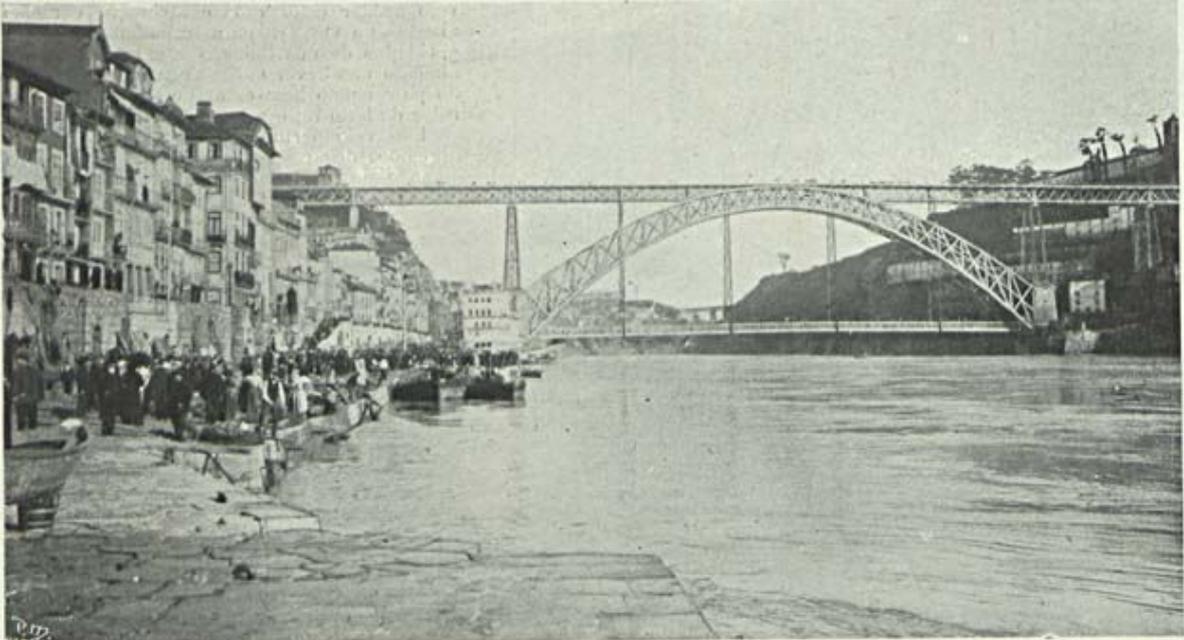
amava? E por quem a abandonou v. ex.^a, a ella, tão commoda, tão fofa, tão solida? Por essa outra cadeira presidencial cujos pregos já devem pelo menos ter rasgado o fundo das suas calças, cujas perfi-das pernas em breve cederão... ao peso da ambição dos outros, estatelando v. ex.^a irreverentemente no tapete da sala do conselho de Estado.

Ah conselheiro! eu faço-lhe a justiça de acreditar que v. ex.^a vê bem claro, n'este momento, a sua situação, não tendo sobre ella illu-sões e percebendo portanto muito bem que fez mal, muito mal, em abandonar, ingrato amante, a joven Lilha de marroquim em cujos braços fruiu os doces gosos da contemplação de boas gravuras e da leitura de elegantes prosas. Tenha paciencia e Deus lhe dê a cora-gem necessaria para levar ao Calvario a sua cruz, que ninguém lhe

Não podemos debruçar-nos dos meigos pendores do Porto nem podemos penetrar terras gayenses sem saudar o seu rio d'oiro, sua primacial estrada e origem da sua fortuna.

Da Barca d'Alva á Cantareira, o Douro não faz senão trabalhar como um moiro para grangear cabedaes a Gaya.

Humilde no berço, qual serrano sahido menino e moço a agen-



As inundações do mez de Dezembro. — No Porto — Aspecto desolador do caes da Ribeira onde o movimento commercial era mais intenso

poz n'essas costas amimadas pelo conforto d'aquella desgraçada pre-guiceira.

Ella aqui o fica esperando, sr. conselheiro. Ella e todos nós, os seus admiradores, anciando pela noite, que Deus traga breve, em que v. ex.^a entre n'esta sala, se reconcilie com a sua cadeira sen-tando-se-lhe em cima, com um fundo — ah, enfim! — tocando a campainha, não para que o sr. André Navarro seja introduzido com o calhamaço do Orçamento, mas para que o Silvestre lhe traga o úl-timo numero da *Illustração* franceza.

N'uma brochura recentemente editada, o distincto publicista e an-tigo professor sr. José Barbosa, referindo-se á proposta apresentada ultimamente á Sociedade de Geographia pelo seu eminente presidente, o illustre professor Con-siglieri Pedroso, proposta que é, por todos os titulos, um documento notavel, pelo seu extraordinario alcance, magnifica orientação e pela demonstração de elevadas idéas economicas e sociologicas, faz-lhe lucidissimos comentarios, que muito convem conhecer áquelles — felizmente bastantes — que se preoccupam com a com-munhão dos interesses e idéas de Portugal e Brasil.

Não nos alongaremos em considerações, que aqui seriam descabidas, pelo tom ligeiro d'esta secção, á proposta do eminente professor e illustre collaborador do *Brasil-Portugal* e, tambem, ao volume do sr. José Barbosa, que é um alto espirito e um estudioso a valer. Mas cumprimos um gostoso dever de simples prohibidade noticiando a apparição do volume e recommendando a sua leitura aos bons portuguezes e brasileiros que nos fazem o favor de ler estas desenfastiadas chronicas.

Louvado Deus, entre tanta cabeça óca ainda ha ca-beças que pensem e produzam alguma coisa de favora-vel e honroso para esta pobre terra de Portugal.

CAMARA LIMA,

Na lua de mel:

— Qual de nós se arrependerá primeiro de ter casado?
— Os nossos corações palpitam tão unisono, que é pro-vavel que nos arrependámos ao mesmo tempo.

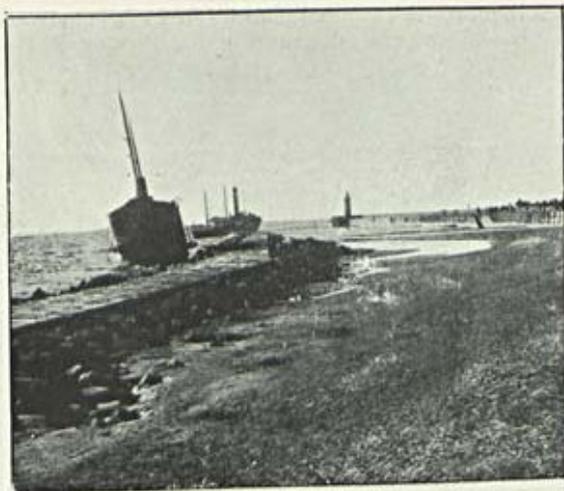
ciar a vida por esse mundo de Christo, o Douro vem por ahi abaixo juntando todas as migalhas, poupando quanta gotta d'aguas corren-tes menos acaudaladas, extravaganciando, lhe jogam, chegando, ao termo do seu trilho, abastado e poderoso, a ponto de Frei Novaes ter ouvido falar d'elle n'esta castelhanada: *Yo soy el Duero, que to-das las agoas bebo.*

E não só a agua, como tudo quanto pode haver á mão, o Douro carrega para Villa Nova; os vinhos melhores do Pinhão e da Regoa, a laranja do Tua, a boa batata, a castanha, a cebola, toda a comedo-ria ribadoira, o olhinho da panéla é para Gaya que, antes do Porto escolher a sua fructa, os seus farinaceos e os seus legumes, tira ella a melhoria da ração, ainda quentinha do lume da terra.

E' o seu fiel recoveiro, o Douro, esforçado e videiro que mal



As inundações do mez de Dezembro. — No Porto — O transit pela Ribeira fazendo-se por meio de barcos (Clichés de J. Benoit).



As inundações do mez de Dezembro. — No PORTO — A' entrada da barra — O «Gascon» e o «Nestor»



As inundações do mez de Dezembro. — No PORTO — Destroços dos naufragios na praia da Foz

pousa a canastra do pão, péga no cesto da exportação e, como quem atira beijos nas pontas dos dedos, arremessa com um amarrado de cortiça, com uma braçada de tóros de pinheiro ou um armazem de vinhos para os porões dos calados que por ali encavalitados, desde Val d'Amores aos desembarcadores da Praia, deram a Mons. Link a impressão de ser o Douro *une belle rivière couverte de navires*.

Mercê d'esse braço de agua, que é o seu braço direito, Gaya está a dois passos de uma cidade sem habitar a mesma casa, conseguindo essa paz armada d'um casal de noivos que visinham da sogra em predios contiguos com uma serventia praticavel que é uma communição e uma ponte levadiça.

Andam uma temporada muito amigos, muito unidos; resolvem ver-se a toda a hora, passar juntos os dias, ora na casa de um, ora na casa de outro e aliga-se Gaya — a casa da esposa — com a cidade, a casa da sogra. P'ra dar a volta pela rua é preciso pôr o chapéo. Um aborrecimento! O melhor é rasgar a parede de meação e lançar um arco: e de margem a margem, uma *Ponte de Barcas* faz das duas residencias duas alas de um só edificio.

Mas um dia o Douro vem mal humorado de casa, ou correu-lhe torta a vida ou presentiu que a sogra — a cidade —, foi metter onzenices nos ouvidos da mulher — a linda Gaya —, dizendo-lhe que o rio vário se detivera mais do que era preciso em frente á villa do Pinhão ou que dissera uma graça á Regoa, e elle zanga-se, deita as mãos a uma ou duas barcas e rompe a intimidade, jurando ser p'ra sempre, numa cheia de furias.

Depois, fazem-se as pazes, o Douro volta á sua bonacheirice de ser forte, reata-se o rosario de barcas, e em remorso de se desavirem até combinam substituir élo tão fragil por um nó cego, um nó de ferro que só uma dobadora d'annos desatasse: e á *Ponte das Barcas* succede a *Ponte Pensil*, coisas de que só os velhos livros e os homens velhos se alembram.

A novidade ha de suppôr que o burgo e a villa foram assim sempre

alliançados pelo arco iris da *Ponte Maria Pia*, e pelos dois taboleiros da *Ponte D. Luiz I*, como ha de entresorrir-se do apreço em que o paterno mercador do seculo XIX tinha os economicos passeios de barco até Oliveira, até Sant'Anna. Pois fiquem os moços sabendo que foi moda, pelas calmas tardes de maio a agosto, ir rio acima, fazer aguada no Areinho, e aproar ás margens de Gaya, a folhear-lhe os enlevadores refugios e a comer uma rabada de sável.

E ainda hoje, ás segundas-feiras, por meio do dia, os cahiques de toldo, bicudos como gondolas, uma barqueira forçada e cantadeira a cada remo, não teem mãos a medir, passando do *Caes da Padeira* ou das *Escadas da Ribeira* para a outra banda os ranchos de operarios que com as suas Nathercias demandam aos retiros faceis do Areinho o florido isolamento da Ilha dos Amores.

O mais, toda a santa semana o rio labuta, ponte acima, ponte abaixo, num trafego de millionario que nunca está saciado d'oiro.

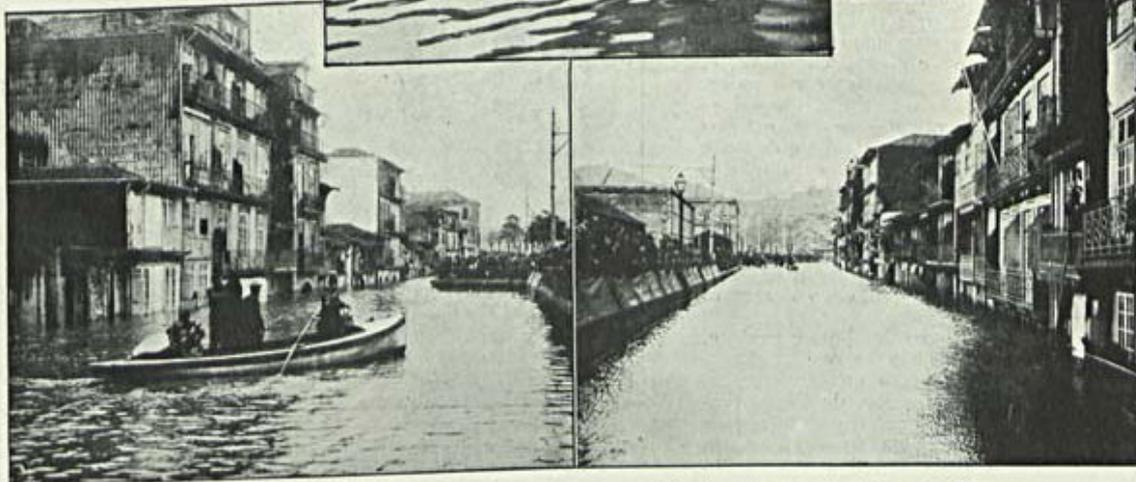
Solidaria com as alegrias e as lagrimas da cidade, ou não estivessem ligadas por estreitos laços de parentesco, ellas cambiam de aspecto e de côr de margem para margem; todavia, o rio que as desuniu é quem as concilia, imprimindo aos dois caes, com leves discordancias, uma semelhança congenita.

Bucolica aqui, rural adeante, barqueira Douro abaixo, quando a margem de Gaya chega ao Canidelo já o boné de duas palas ou o encebado chapéo do cahiqueiro se transmudou na boina ou na carapuça do pescador da Afurada.

Do candal ás linguéttas do *Ribeirinho* é a zona trafegueira.

Vapores carvoeiros insurreccionam o silencio com o fragôr dos seus guindastes transvasando o minerio para as barcaças ou para os vagonétes do ascensor da Calçada das Freiras que se debruçam do caes.

Carris de mulherio correndo descalço pelos pranchões lançados da margem para a borda das barcas carregiam caixas de vinho; carros de bois, com meia-roda n'agôa descarregam para embarcações intermediarias as



As inundações do mez de Dezembro. — No PORTO — Varios aspectos do bairro de Miragaya (Clichés de Aurelio da Paz dos Reis — Porto)

nossas matas; de pé sobre um estrado de moliço que exaggera as dimensões da nave, um hercules ferra um tridente nas mólhadas do moliço e remessa-as para terra; e por entre esse formigeiro de botes e de cahiques um rebocador curveteia, empurrando os tran-

guedos do alto Douro e debordada de maguas que ahí correm soluçando a caudal das suas desgraças (e amores afogados num rio d'oiro...

JOAQUIM LEITÃO.



As inundações do mez de Dezembro. — No Porto — Aspecto da linha ferrea junto á Alfandega

(Cliché de Aurelio da Paz dos Reis — Porto)



As inundações do mez de Dezembro. — Como ficou o pavimento da estrada em Monchique após a cheia

seuntes da estrada liquida com o seu silvo impertinente e escoucinhando uma vaga que um barqueiro, a côtos, grimpa socegradamente, indifferente a essa exaltação momentanea das agoas.

Até ao risco da *Ponte D. Luiz*, de mistura com a meçalha dos transportes fluviales, pintados ao azul inverosimil dos embarcadicos, a reticulação dos mastros e das chaminés cujos bôjos de ferro falam o dictionario das seis linguas; d'esse risco para cima, só se vê a flotilha nacional cujo capitão de bandeira é o arraes do *Barco Rabéto*, petiscando umas achas debaixo da nêgra panella de tripé, p'rô comer da ninhada que debaixo da apégada ou na chilreira rabeia estimulada pelo sol e pelo cheiro da marezia.

E' o transatlantico ribadoiro que para a Regoa, para o Marco, para a Pesqueira, faz a recovagem da fruta e do farinaceo, madeiro toscos que um encerado passado por uma verga cambada segmenta longitudinalmente em cume de tenda nomada, que uma vela grosseira tira e um rapazola, ruço, de dentuça amarella e cabelo empastado do suor e do pó da carga, guia com uma longa trave, em cauda de cetaceo, mixto de rémo e de leme, de cima da apégada.

Com esse transporte pittoresco e primitivo, vingando-se do fundo chato a que o força o pouco calado de cima do Douro na bojuda largura do *Rabéto*, cruza um barco, longo como mão ducal, atulhado de trouxas de lavadeiras e canastras de padeiras de Avintes.

Do sol nado ao sol posto a azáfama ribeirinha não tem uma tré-gua: os guinchos dos noruéguezes, despejados pelos carregões que em quatro dias mudam um porão de bacalhau para os armazens da Fonte Taurina; as altercações dos barqueiros praguejando contra um cabo ou o embate d'um cahique; a cega-rega das carregõnas, os silvos dos vapôres, o raspar das espias nas roldanas, os apitos dos contra-mestres, o bater desencontrado de centenas de rémos na agoa, o marulho da correnteza, e tudo isto disputando, avolumando, exacerbando-se, agravando-se, dando ao rio uma excitação de doca.

Ao empardecer do dia, a faina esmorece, e o rio até ahí febril e fallacioso espreguiça-se na serenidade *lazzaronica* d'um canal, passeado por trovadores.

De longe em longe o Douro que calça de beijos os sopés de Gaya, enamorado e dominado pela propria paixão, tem a sua hora torva de ciume, enraivece, e, num impeto de Samsão que não sabe tentear o pulso, vinga-se em tudo quanto seu seio abrigue, despedaça os laços mais caros, as amarras dos navios, e todos os cordoeiros juntos a ennastrar linho de dia e de noite não logram socegar-lhe a furia, nem ha caes que se oppõem à sua cheia avassalante que derruba paredões, apeia edificios, traga escunas, e pega em hiates e os vae pousar em cima de telhados como nessa cheia de 1821 fez a um bergantim inglês arrazando com elle a casa do despacho do caes da Alfandega ou os prosta nas fragas da Barra como agora nesse pathetico dezembro de 1909.

Como todos os valentes, o Douro tem bom coração e, passado o repente, retorna á sua mansa resignação de escravo, sempre préso da esculptura das suas ribas, rojando riquezas de nababo ás tranças de Gaya, turvando-se em aguas barrentas se a vê chorar qualquer tempestade, recuperando a limpidez se a fortuna a acalenta, segredando-lhe a serenata do seu perpetuo passionario, doce poeta que se fez barqueiro para poder transportar a amada na sua gondola, principe que um amor fatal encantou em mãe d'agua, reprezada nos fra-

Miguel de Montaigne

I

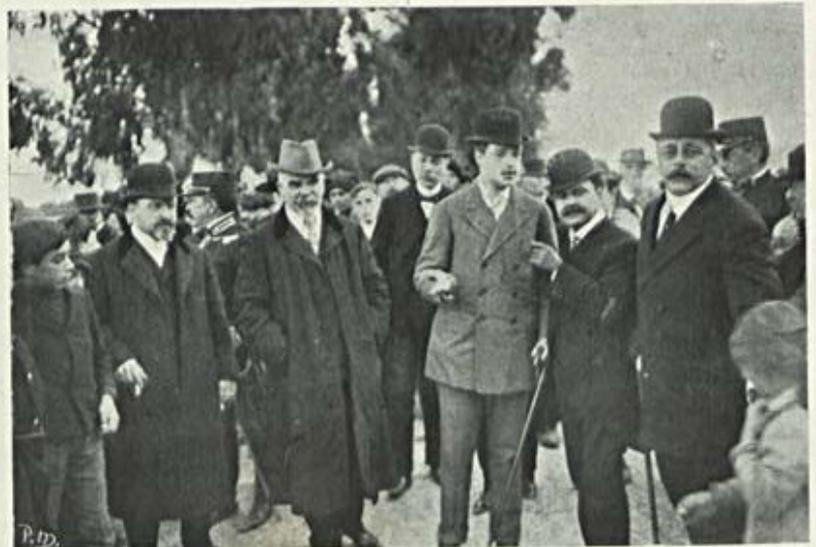
Les Essais

MONTAIGNE não é um pedagogista no rigoroso sentido d'esta palavra, nem se propôs escrever um tratado de educação.

O seu livro notavel — *Les Essais* — compõe-se de uma serie de artigos, de notas e de impressões. São um livro inteiramente pessoal. O que elle principalmente estuda é a sua personalidade: «Je m'étudie moy-même plus qu'aultre subject; c'est ma methaphisique; c'est ma physique.»

No estudo da sua personalidade expõe as suas impressões, as suas phantasias, os seus sentimentos, á medida que surgem na consciencia, sem os systematisar, sem os coordenar, sem mesmo tentar dar-lhes qualquer unidade.

Essa importancia dada á personalidade, essa maneira de se occupar de si, sem preocupação de theorias, e com absoluta independencia, traduz uma das feições caracteristicas da renascença — o in-



As inundações do mez de Dezembro. — EL-REI VISITANDO ALMEIRIM. — Da direita para a esquerda: *Marquez de Fayal, conselheiro Moreira Junior, Sua Magestade, engenheiro Cordeiro de Sousa, dr. Neves Godinho, presidente da camara de Almeirim, governador civil de Santarem, etc.*

(Cliché de J. Benoit).



As inundações do mez de Dezembro. — EM CHAVES. — A rua da Magdalena inundada pelas aguas do Tamega

teresse que tem para o humanista o elemento humano, a vida individual da alma.

Mas, estudando-se a si, Montaigne descobre n'elle o *homem*. D'ahi vem que o livro tem não só interesse individual, mas universal e humano. «Chaque homme porte en lui la forme entière de l'humaine contitieu.»

A erudição de Montaigne é vasta, principalmente na litteratura da antiguidade classica, o que é tambem um dos caracteres da renascença. Os *Essais* abundam em citações que elle aproveita, para confirmar as suas observações.

Os *Essais* foram publicados em 1580. Esse livro notavel fez época na historia da litteratura, da pedagogia e da civilização franceza. O que interessa mais a pedagogia, são os capitulos XXIV e XXV do Livro I. O capitulo XXIV que se inscreve *Do Pedantismo*, é uma satyra contra o ensino do seu tempo, e ahi fixa elle o fim da educação. O capitulo XXV que se chama *De l'institution des enfants*, é uma carta ácerca da instrução e da educação das creanças. N'esse capitulo determina o methodo.

Quem lêr esses dois capitulos, descobre no meio das anedoctas, das digressões, das phantasias do brilhante escriptor, um systema de pedagogia, firme e coherente, uma doutrina digna de ser conhecida e meditada.

II

A vida de Montaigne

Montaigne nasceu em 1533 n'uma aldeia do sul da França. Pertencia á aristocracia. Seu pae, que era um apaixonado pelas idéas da renascença, deu-lhe uma educação muito completa para o tempo e conforme os processos recommendados pelos intellectuaes humanistas.

Até aos seis annos recebeu a educação domestica no castello de S. Miguel de Montaigne, perto de Bergerac. Ahi aprendeu latim sem regras, sem grammatica e sem castigos, pela simples conversação.

Passou em seguida para o collegio de Guyenna, um dos melhores da França, onde se revelou um notavel latinista. Posto que visse no collegio em condições muito favoraveis, é certo que d'elle sahio sem saudades, «mais tant y a que c'estoit toujours collège.» E confessa que o abandonou «sans aucun fruit.»

Estudou depois direito na Universidade de Toulouse; e, para completar a sua educação, empreheendeu, como então era costume, viagens á Italia.

A maior parte do tempo até á sua morte passou-o nos seus dominios, entregue aos seus estudos. Morreu em 1592; e está sepultado em Bordeaux.

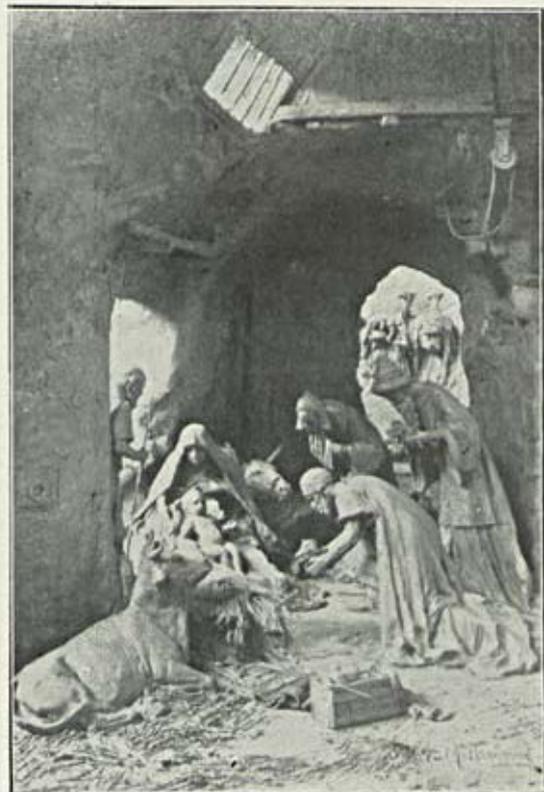
Assistiu, como simples espectador, ás luctas politicas e religiosas que perturbaram a França na segunda metade do seculo xvi. Sceptico e tolerante, não o podiam interessar a intolerancia do catholico e do calvinista, nem as guerras violentas que o sectarismo religioso então produzia.

Pelo contrario esses acontecimentos exerceram influencia no seu espirito no sentido da tolerancia. Atacou tanto o dogmatismo theologico, como o dogmatismo philosophico.

Tambem esse periodo de combates, de violencias e de luctas desenvolveu n'elle o sentimento do individualismo e da personalidade, tão caracteristico da época da renascença.

Esses sentimentos tão poderosos n'elle — o scepticismo, a tolerancia e a individualidade, levaram-no á condemnação do saber livre e pedante, do ensino baseado na auctoridade, da disciplina severa e violenta dos collegios do seu tempo, e explicam a preferencia que deu á educação sobre a instrução, e a importancia que para elle tinha a natureza «notre grande et puissante mère Nature.»

Assumpções religiosas



A adoração dos Reis Magos

Montaigne e a antiguidade classica

Filho da renascença, conhecendo bem o grego e o latim, Montaigne estudou com paixão a antiguidade classica, e por ella se deixou orientar.

De Platão tirou elle a definição de educação: «La bonne education est celle qui donne au corps et à l'âme toute la perfection dont ils sont capables.» O desenvolvimento integral e harmonico do corpo e da alma, defendido por Montaigne, e de que derivou a educação physica moderna, tambem elle o encontrou no philosopho atheniense.

Tambem o guiaram Plutarco, Xenofonte e Aristoteles. O ensino educativo, o principio do *non multa, sed multum*, que domina a sua pedagogia, a condemnação dos castigos corporais, a necessidade de tornar o ensino interessante e atrahente, foram inspirados a Montaigne pelos escriptores da antiguidade classica.

Mas o que n'elle exerceu maior influencia foi Socrates, que, no dizer de Montaigne, fez descer a philosophia do céu á terra. Como Socrates, Montaigne quer limitar o estudo ás sciencias uteis.

IV

A sciencia

Em materia de educação o resultado material obtido é secundario. O saber adquirido e armazenado na memoria vale o que custou, contribue para formar o juizo e tornar o homem melhor? «De vray, le soing et la despense de nos pères ne visent qu'à nous meubler la beste de science; du jugement et de la vertu, peu de nouvelles. Nous nous enquerons volontiers: Sçait-il du latin ou du grec, escrit-il en vers ou en prose? Mais s'il est devenu meilleur ou plus advisé, c'estoit le principal, et c'est ce qui demeure derrière.»

A observação de Montaigne não deixa de ser exacta. A experiencia, diz elle, mostra que o sabio pode muito bem ser um pedante; e a esse prefere elle o ignorante:

Un sot savant est sot plus q'un sot ignorant

A ignorancia que oppõe ao pedantismo, não é a carencia absoluta do saber, não é a ignorancia grosseira, mas a que nasce do conhecimento dos limites da nossa intelligencia. Essa é util. Para «une teste bien faite» só a ignorancia é um bom e salutar travesseiro.

Ha sciencia e sciencia. Ha a sciencia que não aproveita ao espirito, que se accumula na memoria, que fluctua á superficie do cerebro; é a sciencia que deslumbra os inconscientes das galerias; é a sciencia das palavras e das formulas; é a sciencia dos tolos e dos pedantes.

Ha a sciencia verdadeira, que o espirito assimila e faz sua, que desenvolve o entendimento e forma o caracter. E' essa a que deve cultivar-se.

D'esta distincção Montaigne con-

EM HESPANHA

Os grandes temporaes de Dezembro



1 — A inundação em Monforte. O campo de Santo Antonio totalmente inundado. 2 — Em Abrarozes de Tera (Zamora) onde nem uma só casa ficou de pé. 3 — Casas damnificadas pela cheia em Palencia.

A gravura que publicamos dá uma ideia, ainda que muito ligeira, do que foram os temporaes na nação vizinha. Lá como no nosso paiz o mez de Dezembro deixou dolorosas recordações. Em muitas regiões de Hespanha, em especial nas do noroeste, as cheias fizeram estragos importantissimos, arrasando campos e destruindo casas, ficando muita gente reduzida á miseria e morrendo afogadas muitas cabeças de gado. Em varias localidades proximas de Zamora os prejuizos foram enormes. Em Santa Cristina de la Polvorosa 250 familias perderam tudo quanto possuíam, em Villanueva de Azoque ficaram na indigencia 68 dos 80 vizinhos que formavam a aldeia e Abrarozes de Tera ficou totalmente destruida.

clue que a verdadeira sciencia tem por fim secundario adquirir e alargar os nossos conhecimentos, e por fim principal formar o espirito e tornal-o melhor.

Ninguem castigou com mais verve, com mais ironia, com mais vehemencia, o pedantismo, o saber livresco, e ócco; e ninguem louvou com mais eloquencia e com mais convicção o verdadeiro saber.

«Si notre âme n'en va un meilleur bransle, si nous n'en avons le jugement plus sain, j'aymerais aussi cher que mon escolier ent passé le temps à jouer à la paulme; au moins le corps en serait plus alaigne. Voyez-le revenir de la quinze ou seixe ans employez; il n'est rien si mal propre à metre en besongue, tout ce que vous y reconnoissez davantage, c'est que son latin, el son grec l'out rendu plus sot et plus presomptueux qu'il n'estait party de la maison. Il en debrait rapporter l'âme pleine, il ne l'en rapporte que bouffie, et l'a seulment enflée au bien de la grossir...» «Or ce n'est pas assez que notre institution ne nous gaste pas, il faut qu'elle nous change su mieux.»

«Il falloit s'enquerir qui est mieules sçavant, non qui est plus sçavant.»

N'essas palavras Montaigne descobre claramente o seu pensamento, a sua theoria de educação.

O escriptor francez, influenciado pela renascença, revela-se um humanista. A importancia dada ao homem e a vida individual da alma leva-o a considerar a sciencia na sua relação com o espirito. A sciencia, para elle, não tem tanto valor por si mesmo, mas pelo espirito que a recebe; não vale pela erudição, mas pela formação do juizo e do caracter e pelo exercicio da razão.

O conceito que faz da sciencia leva-o a uma distincção que repugna ás condições da vida moderna. Despreza a sciencia e o estudo que tem por fim uma profissão ou um modo de vida. Uma sciencia mercenaria,

uma sciencia que se adquire para depois se vender como uma mercadoria, é desprezível para elle, como desprezíveis são os representantes d'essa sciencia.

A sciencia, como Montaigne a concebe, tem um caracter aristocratico e desinteressado, e destina-se a formar e a enobrecer o homem. Da outra, d'aquella que tem um fim utilitario, não faz caso. Está fóra do seu fim educativo.

Hoje a concepção aristocratica e desinteressada da sciencia é inadmissivel. A missão mais importante dos Estados modernos não é formar sabios á maneira de Montaigne, mas preparar os alumnos no interesse da industria e do commercio e no proprio interesse d'elles. Só a escola elemental não tem ainda um caracter accentuadamente profissional, todavia pelo trabalho manual começa a ensinar os discipulos a servir-se dos seus olhos, das suas mãos e do seu espirito.

O homem, educado pelo systema de Montaigne, nos tempos modernos, seria um homem simultaneamente culto e ignorante. De tudo poderia falar e julgar; mas a sua sciencia superficial, essencialmente

classica e litteraria, não seria utilisavel. Representante da renascença, Montaigne deu á educação um caracter mais classico e humanista do que scientifico.

V

A instrução não é para todos

Montaigne não é partidario do ensino popular ou do ensino obrigatorio para todos. A idéa tão nobre e tão elevada que faz da sciencia, não lhe permittia democratizal-a. Reserva-a para as pessoas de *elite*, para as que possuem um espirito apto para a receber. Ella «n'a point sou vray usage en mains viles et basses.»

Montaigne está na logica do seu systema. A sciencia, segundo elle, não representa uma simples aquisição material, não tem valor por si mesmo, sómente pelo espirito que a recebe. Portanto suppõe

espiritos fracos e imbecis, sem educação, transformou-se em monstruosas allucinações que produziram os excessos e as violencias da Revolução.

Para evitar os perigos duma instrução dada a todos sem excepção, importa que, segundo Montaigne, o saber seja: 1.º real e não puramente livresco, assimilavel, de forma que a alma o possa incorporar; 2.º que seja assimilado por um organismo são e apto; 3.º que contribua para formação do espirito e do caracter.

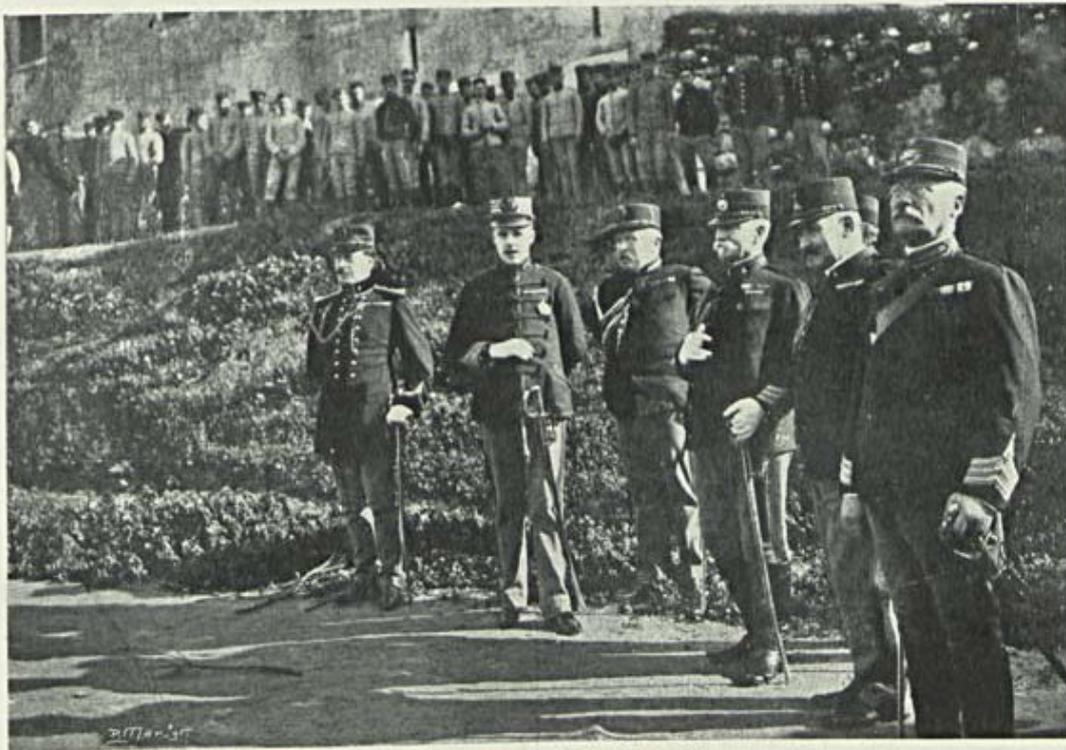
Se não fór assim, *melius fuerit non didicisse*, diz o escriptor francês.

Mas conseguir que o ensino seja, como quer Montaigne, e como a utilidade social reclama, é possível?

Visto que o ensino não deve ser ministrado a almas *viles et basses*, Montaigne entende que a instrução não convem ás mulheres, pois que possuem um espirito fraco.

O pedagogista francês não quer a sciencia profanada nem vulgarisada.

Visita de El-Rei ao quartel do Regimento d'Infantaria n.º 16



(Cliché de A. C. Lima).

Sua Magestade e os srs. coronel Celestino da Costa, commandante do 16, conselheiro Mathias Nunes, ministro da guerra, capitão Vellez Caldeira, major Albuquerque e visconde da Asseca, assistindo aos exercicios de uma companhia de guerra

um espirito apto para a receber. Esse espirito apto encontra-se sempre? Certamente que não. Nesse caso é preferivel deixal-o na ignorancia.

O espirito é apto para receber aquelle ensino que desenvolve o entendimento e forma o caracter? Ou o espirito a quem o ensino é dado, é incapaz de o assimillar, de o elaborar, de o fazer seu?

No primeiro caso, diz Montaigne, o ensino é bom e benefico; no segundo é prejudicial, deforma e perverte a alma.

A doutrina de Montaigne repugna ás nossas idéias democraticas; mas mesmo no interesse das democracias merece ser meditada com serenidade.

A esse respeito diz um escriptor: Quando se não faz da instrução um idolo, quando se pen-a na acção que ella exerce nos espiritos que a recebem, sente-se a necessidade de a não generalisar a torto e a direito, sem discernimento e sem criterio. Fazer o contrario, é expor-se a muitos perigos, é brincar com o fogo.

Alguns factos confirmam a exactidão dessas observações. Em alguns paizes do imperio allemão verificou-se que o apparecimento da má litteratura é contemporaneo da introdução da obrigatoriedade do ensino. Essa litteratura generalizou-se nos Estados onde a obrigatoriedade escolar foi accete. Os contos de bandidos, as historias á Nick Caster, os romances immoraes, acharam o melhor mercado na Saxonia, onde a obrigatoriedade escolar fez progressos mais rapidos.

As bibliothecas populares, creadas para completar o ensino primario, não são procuradas, posto que forneçam livros gratuitamente. Pensou-se que as classes populares se elevariam por si. Foi um erro e uma illusão. O governo allemão, preoccupado com isso, procura reorganisar as bibliothecas populares, por forma que ellas possam combater a má litteratura.

Conhece-se o livro de Taine — *Origines de la France contemporaine*. A doutrina dos philosophos do seculo xviii, passando para

VI

O methodo

Conhecido o fim da educação — tornar o homem mais perfeito pela cultura das suas faculdades e pela formação do seu caracter, ou cultivar a sciencia não para obter uma determinada somma de conhecimentos, mas exclusivamente para o desenvolvimento e aperfeicoamento do espirito, o methodo do ensino, o que esse deve ser, o que deve ser o mestre, deduzem-se naturalmente.

A primeira cousa é a escolha do professor «qui ait plustot la teste bien faite que bien pleine», isto é, o professor não deve ser só um erudito, mas sobretudo um homem intelligente e de bons costumes.

O ensino deve adaptar-se á idade e á evolução mental do alumno. A pedagogia moderna e a psychologia infantil puzeram em evidencia essa verdade que Montaigne só empiricamente formulara.

A alma e o organismo da criança differem fundamentalmente da alma e do organismo do adulto, a essas differenças tem de corresponder methodos e processos tambem diferentes do ensino.

Mais tarde Pestalozzi annunciou com mais precisão a doutrina de Montaigne, quando disse que o ensino na sua ordem como no seu methodo deve adaptar-se á marcha natural da evolução mental.

O ensino propõe-se formar o juizo e não sobrecarregar a memoria, e serve de instrumento para o exercicio e desenvolvimento da razão.

A proposito do fim que dá ao ensino, Montaigne condemna os processos do seu tempo, os simples exercicios da memoria, os artificios da rhetorica, e as subtilidades da escolastica.

«Nous ne travaillons qu'à remplir la memoire, et laissons l'entendement et la conscience vuides... or ce n'est pas assez que

notre institution ne nous gaste pas; il faut qu'elle nous change en mieux.»

Forma-se o juízo e desenvolve-se o entendimento, procurando a curiosidade do alumno, habituando-o a observar e a discernir por si mesmo, pedindo-lhe conta não só das palavras, mas da substancia da lição, dando á mesma ideia aspectos diferentes, fazendo sahir a lição real e viva dos factos que o alumno observa e interpreta.

«Qui ait (le maître) le soin de faire goûter les choses à l'enfant, de les lui faire choisir et discerner euy-même; qui tantot lui ouvre



Visita de El-Rei ao quartel do Regimento d'Infantaria n.º 16
Uma companhia de guerra manobrando na presença de Sua Magestade

le chemin, tantot le lui laisse ouvrir; qui l'écote parler; que o faça «trotter devant euy, pour juger de son train, et jusques à quel point il se soit ravaler pour s'accomoder à sa force.»

Montaigne reconhece que essa função do mestre, como elle a entende, é das mais arduas. Confessa que é «L'effet d'une haulte âme et bien forte, sçavoir condescendre à ses allures pueriles et les guider.»

O professor não apreciará o resultado do seu ensino pelo testemunho da memoria, mas procederá a interrogações, até perceber que elle a incorporou e a fez sua.

Recommenda que o professor habitue o discipulo a não viver de emprestimos, e não confiar demasiadamente na auctoridade, mas a tirar tudo do seu proprio fundo. Quando não houver senão o recurso á auctoridade, profere a duvida, e cita a proposito o verso de Dante: «Non meu du sapor, dabbiar m'aggrata.»

Montaigne reagia contra o predomínio da auctoridade na idade média. Não podia prever o pedagoga francês que no seculo xx resuscitaria o recurso á auctoridade. Nesse tempo dogmatisava-se em nome da Metaphisica e de Aristoteles. A esse ensino preferiu Montaigne a duvida e a ignorancia. Hoje a situação é analoga. Dogmatisa-se em nome duma pretendida sciencia, em nome dum Spencer ou de qualquer outro. Nós estamos em plena sciencia! diz-se; e contudo vivemos em plena ignorancia. O maior numero dos homens d'hoje julgam possuir o espirito scientifico por não acreditarem em milagres; mas falta-lhes o resto: o sentimento da obscuridade das cousas, a consciencia dos limites e das lacunas das sciencias, das verdades estabelecidas e dos phantasmas da verdade.

O grande meio da instrucção é a experiencia, a observação das cousas, o commercio dos homens, as viagens. Entende que tudo pode servir de materia para ensino, os factos da vida corrente «un propos de table, la sottise d'un valet, tout ce qui frappe cette honete curiosité de s'enquerir de toutes choses.»

No ensino as cousas precedem as palavras, as ideias concretas vém antes das ideias geraes e abstractas. «Que notre disciple soit bien pourvu de choses: les paroles ne suyront que trop.»

N'este ponto Montaigne é o precursor dos mestres modernos. O ensino intuitivo, as lições das cousas, as escolas infantis, estão na doutrina do pedagoga francês.

Para formar o juízo e o caracter, é indispensavel o exercicio; d'ahi deriva um dos caracteres fundamentais do seu methodo que se pode resumir numa palavra—acção.

A educação não consiste em palavras, mas em actos. Assim como, diz elle, não é possivel aprender a andar a cavallo, a cantar ou a tocar, sem se acompanhar a lição com a pratica, tambem não é possivel ensinar a falar e a julgar, sem o exercicio da palavra e do juízo.

Esta ideia de Montaigne não ficou esquecida. No meio da variedade de systemas educativos nos Estados-Unidos descobre-se um principio predominante e commum; é que toda a acquisição intellectual deve ser completada e confirmada por actos do alumno («learn-nig by doing» estudo pela acção).

Em Munich installaram-se as escolas do trabalho—Arbeitschulen, nas quaes se faz do trabalho a base da educação intellectual, de

forma que se dá aos primeiros estudos do alumno uma feição essencialmente concreta.

VII

A simplificação do ensino

Montaigne simplifica a educação, tornando-a pratica, activa e seria. Simplifica igualmente o ensino, libertando-o de tudo o que é inutil e que sobrecarrega a memoria sem proveito. Ao contrario de Rabelais que queria que o alumno soubesse tudo, Montaigne prefere os conhecimentos que contribuem para formar o juízo e tornar a alma mais perfeita. Uma só sciencia é necessaria, diz elle, a que nos faz homens.

Essa simplificação irá longe de mais? Não se tem comprehendido bem Montaigne, ao que parece. O escriptor francês não condemna a acquisição de conhecimentos; mas o que elle recommenda é que se adquiram os conhecimentos que uma intelligencia sã pode digerir sem fadiga, que se poupem as forças do espirito para as poder applicar com proveito a outras cousas, que o saber seja assimilavel e real e capaz de desenvolver o espirito e formar o caracter.

VIII

Critica

No meio das lacunas e dos erros da pedagogia de Montaigne ha ideias aproveitaveis, dignas de serem meditadas e admiradas.

Accentuou claramente a differença entre a educação e instrucção, que nos nossos tempos ainda não é bem comprehendida. Considerou como meio a instrucção que hoje para o grande numero é considerada como fim. Recommendou que o ensino se adaptasse á idade e ao desenvolvimento da criança, principio accete pela pedagogia moderna. Condemna o excesso do trabalho intellectual, d'onde resulta a fadiga; aconselha que não seja demasiado longo o tempo destinado ao estudo, que se torne interessante a lição para o alumno, que se habitue este a contar comsigo, a discernir, a elaborar os conhecimentos adquiridos.

O methodo intuitivo, a marcha do concreto ao abstracto, das cousas para as palavras, que os pedagogistas posteriores desenvolveram, encontram-se em Montaigne, o qual sob muitos pontos de vista é o verdadeiro precursor da pedagogia moderna.

Marques Mano.

Calino entra n'um restaurante, pega n'um palito, espalita os dentes e torna a colloca-o entre os outros, no paliteiro.

— Que está o senhor a fazer? pergunta-lhe um creado.

— Tornei-o a pôr no seu logar porque não gosto de levar nada dos estabelecimentos onde entro.



Visita de El-Rei ao quartel do Regimento d'Infantaria n.º 16

O Senhor D. Manuel felicitando o capitão commandante da companhia de guerra

(Cliche de A. C. Lima).

A caminho do vapor

O vapor atracado á muralha em Santa Apollonia devia largar ao meio dia. Que grande quesilia, que não é, o vermo-nos forçados a estar a hora certa em determinado sitio? Para quem deseja manter nas suas normas de vida uma tal, ou qual, regularidade, á abertura, que nos incommoda e mal dispõe, accresce o transtorno de termos de mudar de horas para tudo o mais, que no nosso diario previamente se acha prescripto, mas — um dia não são dias! — diz a philosophia popular, e, á falta de outra que mais valha, vamos andando com essa e com a santa resignação de acceitarmos de boa mente o que der e vier.

Não ha mais remedio, é necessario partir!

De ha annos para cá introduziu-se nos habitos lisboetas o contar com um elemento novo, não obstante o pouco que n'elle nos podemos fiar quando a urgencia aperta e a pressa faz dizer que estamos pelos cabellos. Os carros electricos, precioso dom da civilização de nossos dias e o principal factor do enorme desenvolvimento que a cidade de Lisboa tem tido, esses carros que não cedem em commodidade a quaesquer outros meios de transporte, estão sujeitos, comtudo, a mil contingencias que lhes retardam a marcha e nos vem desnortear nas nossas previsões. Ora, é um automovel prestes a esbarrar com tudo e com todos n'uma competencia de velocidade que a toda a gente traz em constantes sobresaltos; ora, é o pobre de um cavallo que depois dos seus grandes dias, de muito se ter lançado a devorar o espaço, foi encontrar a reforma junto á lança de uma carroça e a cada passo está dando no chão com a ultima reliquia do esbelto corpo, um feixe ambulante de ossos.

Isto é o mais usual, porque os ajuntamentos provocados pelo roubo e pela facada, apesar da frequencia, tem por emquanto de ser lançados á conta do extraordinario, bem como outros empates devidos a algum incendio ou desarranjo na linha.

Em nada se pensa, porém, quando temos os minutos contados, a não ser no fito persistente que nos levou para a rua e caminha-se para a primeira paragem a passo dobrado. Lá descortinamos um ao

longe, accelera-se a marcha, e, involuntariamente mesmo, tratamos de calcular o tempo gasto por nós e pelo carro até o ponto em que o devemos apanhar. Se não apparece algum burro providencial, que por uma queda bem a proposito lhe venha retardar o movimento, bem certo é que os mais favoraveis calculos vão induzir em erro e perdemos o ensejo, que ao nosso espirito ancioso se antolhava. Por mais que se pense, esperar por outro é a unica solução.

Enxerga-se o seguinte, já nos está sorrindo a idéa que d'esta vez não nos ha de fugir, avançamos a cabeça como que para levar os olhos mais para deante afim de divisar mais ao longe esse letreiro, ainda nebuloso, tão enigmatico como um tijollo, de caracteres cruciformes, falando em coisas de uma alta antiguidade que agora não importam para nada.

Apesar dos prodigios de visão, em que nos queremos desentranhar, o maldito letreiro, depois de percorrido longo espaço a fazer-nos negaças, vem a final mostrar-nos que estamos a perder tempo.

Mais outro e apoz este ainda alguns que tambem não servem, entramos a impacientar-nos, e, verdade seja, que esse demonio dentro de nós, a fazer-nos perder a linha, não deixa de ter as suas razões.

E, como não ha mal que sempre dure, conseguimos obter o que desejamos, galgar os degraus da plataforma e ir-nos instalar n'um lugar, que não trocaríamos sem serias hesitações n'aquelle momento pelos lendarios thesoiros da California.

Deslisa com rapidez o vehiculo, e, pouco a pouco, nos mysteriosos penetraes da paciencia, se vae desvanecendo a má impressão, que ao ensombrar-nos nos havia deixado de má catadura.

D'alli a pouco, lá apparecem duas matronas, gordas como as que mais o são, movendo a custo algumas carradas de tecido adiposo, com que no mundo dos vivos estramboticamente exteriorisam os seus disformes corpanziz.

Uma paragem! levam duas horas a subir, vão amarrotando as pessoas que se lhes deparam no seu lento caminhar, sentam-se, perguntam ao conductor para onde vae o carro e entram logo a vociferar que pare, porque aquella direcção não lhes serve. Alguns passageiros manifestam evidentes signaes de desgredo, a um d'elles, que provavelmente estava com tanta pressa como eu, ouvi rogar uma praga, e de mim não sei dizer como fiquei!

Depois do carro ter feito a tanto custo aquella importação de algumas toneladas de carne, e, sobretudo, depois de ter consumido o necessario tempo, ainda havia de parar outra vez para alijar a carga, sujeito a demóra infinita! O imprevisto apresentava-se-nos sob o aspecto d'aquellas duas montanhas de carne, de animaes que não tinham olhos para ver um letreiro!

A descarga teve de se effectuar na paragem seguinte, na qual entrou uma nuvem de passageiros a ponto de occuparem todos os logares devoluto, apinhando-se alguns nas plataformas.

Dentro em pouco uma troca de palavras azedas veio revelar que uma questão de 10 réis a mais ou a menos tinha exaltado os animos. Que um céo velho de pancadaria viesse a desabar n'aquellas alturas sobre os contendóres, e só sobre elles, pouco me importava já, comtanto que o carro andasse; felizmente parece que era tambem esta a opinião do guarda-freio que ligando mediocre interesse á celeuma, mantinha o andamento.

Ouvi dizer que em Londres, em questões d'este genero suscita-



Um anno depois da grande catastrophe no sul da Italia

1 — A nova cathedral de Messina. 2 — Um aspecto das actuaes edificações

Um anno depois do terremoto que tantas victimas fez no sul da Italia, a cidade de Messina começa a apresentar nova vida, recobrando um pouco a sua antiga animação. Bairros inteiros de construcções de madeira, de um só andar, estão sendo habitados pelos sobreviventes da terrivel catastrophe. Entre essas construcções nota-se a moderna cathedral, muito concorrida de feis. Na moderna Messina as unicas casas de espectáculo que existem são os salões animatographicos.

das pela viação, os cocheiros ficam sempre de mau partido, só dando a policia ouvidos ao passageiro.

Entre nós mal vae a quem queira ter systema fixo, seja em que fór, e o critério londrino transplantado para cá vinha a dar pessimos resultados, por quanto não é raro n'uma questiuncula assim o terem andado mal todos os que n'ella se envolveram.

Do caso sujeito, visto que algum historiador pode no futuro metter-se a deslindar o assumpto, direi que um dos taes da bulha exclamou ao pagar o bilhete: ah, meus ricos quatro decilitros! e affigura-se-me que, se os outros não se referiram ao nectar extrahido do summo da uva, foi pelo facto de se acharem já devidamente lastrados.

Mais paragens! agora salta um, logo outro, um inferno de demoras e palpitou-me que viria a ser como o celebre abencerragem, o ultimo. Um d'esses saltos foi, porém, desastrado e pela primeira vez desde a minha entrada para alli, me cheguei a esquecer da pressa com que estava.

O sujeito que sahio, desejando exhibir habilidades gymnasticas, deu um boléo medonho, foi levantado o homem, apalpado, interrogado, e reconhecida, como ficou, a integridade do esqueleto do dicto, poudo seguir sem novidade de maior a não ser esta, que eu tanto lastimei: a fazer-me perder mais tempo.

Ha coisas que se lêem e não se chegam a comprehender bem por não termos o espirito em fóco durante a leitura para as sensações respectivas e devo confessar aqui, para tudo dizer, que só no momento, em que por fim puz pé em terra, cheguei a comprehender o que sentiram os marinheiros de *Vasco da Gama*, exhaustos por uma longa viagem, vivendo dia e noite entre o receio e a esperança, quando em frente das praias, orlando o paiz dos palmares e dos rajhs, o gageiro lhes bradou: terra!

L. F. MARREAS FERREIRA.

Luiz XIV dizia frequentemente: — Ser-me-hia mais facil pôr de accordo toda a Europa, que duas mulheres — e sobre tudo duas mulheres bonitas!

■

Lisbonne é o nome de um empresario de concertos em Paris. Pois este Lisbonne é um excentrico que, para atrahir concorrência aos seus espectaculos, annuncia-os d'esta fórma:

«Concertos Lisbonne, unico local onde se está ao abrigo das bombas.»

O «Diario de Noticias»

Chegaríamos tarde, se alguma vez fosse tarde para prestar uma homenagem merecida. E se ha faltas tão ligeiras que nem o pensamento preoccupam, esta de não apparecer a nossa voz no côro geral de preitos e louvores, para sempre nos remorderia na memoria.

Constitue, portanto, um dever, que gostosamente cumprimos, o virmos felicitar o *Diario de Noticias* por ter visto correr 45 annos sobre a sua fundação, sendo cada um d'elles a execução de um programma honesto e util, e todos a confirmação plena de que pela honestidade, pela lisura e pela coherencia nunca desmentidas, um jornal sério pode simultaneamente fazer prosperar uma empreza e servir com proveito um grande publico. E' o caso do *Diario de Noticias*.

Por isso, com a maior sinceridade felicitamos a popularissima folha de Lisboa, que Eduardo Coelho fundou ha cerca de meio seculo, e que ainda hoje, sob a alta direcção de Alfredo da Cunha, honra as tradições por elle legadas e continúa a sua obra augmentando-a, desenvolvendo-a, honrando-a.

A picada das aranhas

Está enganado quem imagina que a picada das aranhas pode dar logar a accidentes mortaes. Pelo menos assim o lemos n'uma revista scientifica.

As aranhas segregam um veneno que lhes permite narcotisar, immobilisar e até matar o insecto que enredam na sua teia, mas esse veneno tem uma acção muito pouco pronunciada nos entes humanos, pelo menos nas regiões temperadas, e não ha noticia de caso de morte em consequencia da mordedura de uma aranha das especies ordinarias.

Ha exemplos de irritação local, de accidentes mais ou menos sérios, mas sem complicações graves e sobretudo não seguidos de morte. Teem-se feito experiencias n'esse sentido e resultou d'ellas que o perigo é puramente imaginario, podendo de um modo geral affirmar-se que a mordedura da aranha não offerece gravidade.

Dispensario de Santa Isabel



(Cliché de A. C. Lima).

Algumas creanças protegidas pela benemerita instituição

Na igreja parochial do mesmo nome realisou-se, no dia 9 d'este mez, o 5.º anniversario da fundação d'esta sympathica instituição destinada a proteger a infancia. São dignos de louvor os seus dirigentes, entre os quaes se destaca o presidente sr. dr. Santos Farinha, reverendissimo prior da freguezia. Duas classes de creanças teem sido protegidas pelo dispensario: aquellas cujas mães não teem leite para as amamentar e as que são doentes. A estas trata-as e dá-lhes roupas, ás primeiras fornece-lhes o leite necessario para a sua alimentação. No anno findo o Dispensario forneceu 3787 litros de leite e teve em tratamento 632 creanças que necessitaram de 2662 consultas. O numero de subscriptores eleva-se actualmente a 336 e em 1909 a receita foi de 1:915\$660 réis. Se a prosperidade continuar a bafejar a sympathica instituição será ella augmentada com uma creche, jardim, balneario, etc.



Jean Richepin

O glorioso poeta da França, membro da Academia Franceza, auctor de La Mer, Le Glaive, Les Blasphèmes, Nana-Sahib, e de muitas outras obras immortaes, que acaba de fazer no theatro D. Amelia, a convite do visconde de S. Luiz Braga, duas notaveis conferencias, La Mer e La Légende de Napoléon dans les poètes, e a quem o Rei de Portugal agraciou com a commenda de S. Thiago.



Convem ou não adormecer sobre as refeições?

Deve-se dormir depois das refeições ou o somno é, n'este caso, prejudicial á digestão?

Ouçamos algumas reflexões que sobre o assumpto teem feito alguns physiologistas e, sobretudo, não nos enamoremos logo de extremos, pois o habito, a constituição individual e até o methodo de trabalho, podem alterar certas normas consideradas como axioma, sem que d'ahi venha inconveniente para a saude do corpo ou do espirito.

E' vulgar nos paizes quentes o dormir a sésta depois do almoço quando os raios solares dardejão com o maximo fulgor e que o calor mais intenso se torna. Ora, discute-se se este somno, após uma refeição, é ou não prejudicial á saude.

As creanças adormecem no seio materno e a digestão faz-se em esplendidas condições.

Até á idade de 6 ou 7 annos, as creanças são levadas para a cama apenas terminam a refeição da noite e a não ser que se tenham enchedo de doce e pasteis ou outras comidas indigestas, a digestão d'essa refeição em nada se transtorna.

Os animaes quando abandonados a si proprios, estendem-se geralmente depois das refeições e ficam quietos e calmos; a natureza parece ter-lhes indicado que um bom descanso depois da refeição era o que mais favorecia uma perfeita assimilação dos alimentos.

O grande physiologista Claudio Benard já ha muito confirmára experimentalmente esta acção benéfica do repouso sobre a digestão; examinou o estomago de dois cães, um dos quaes ficou em casa depois da comida, enquanto o outro foi levado para a caça, e verificou que ao cabo de algum tempo o estomago do primeiro est'ava completamente vazio, ao passo que o do segundo ainda não havia terminado a sua digestão.

Mas o que é verdade para alguns animaes sél-o-ha igualmente para o homem?

Os adolescentes põem-se em exercicio apenas terminadas as refeições e nos collegios a regra não admittie que se iniciem os estudos sem um previo recreio.

A razão parece pugnar a favor d'este costume. No emtanto, alguns individuos, necessariamente intellectuaes, dir-nos-hão que necessitam de um pequeno descanso de uma meia hora ou quando muito de uma hora, antes de começarem o seu trabalho. Cita-se o caso de um distincto medico dos hospitaes de Paris que organisou o descanso da noite de uma forma bastante original com grande vantagem para o seu estado de saude e para os seus estudos pathologicos.

Depois do jantar, quando em geral todos luctam contra uma somnolencia difficil de vencer e só recuperam a sua actividade physica e psychica depois de uma ligeira sésta, o nosso medico, sem hesitar, cede a este somno e deita-se das 9 até á meia noite ou uma da ma-

nhã. Levanta-se então, trabalha até ás 3 ou 4 horas da manhã, seguindo as suas occupações ou o seu estado de fadiga, e torna a deitar-se até ás 7.

Verificou que a sua noite cortada em duas lhe dava muito bom descanso e fornecia assim um magnifico trabalho.

E' contudo para duvidar que este seu systema encontre grande numero de adeptos.

São mais vulgares os que, como fazem alguns escriptores conhecidos, se deitam cedo para se levantarem de madrugada.

Outros então, só encontram a sua perfeita actividade cerebral á noite, parecendo que as suas ideias só se desenvolvem á luz artificial.

Isto é tudo uma questão de temperamento e sobretudo de habito.

Voltando, porém, ao assumpto do somno após as refeições, a escola de Salerno condemnava o repouso durante o dia: «Somnum fuge meridianum», ou reclamava apenas uma ligeira sésta: «Sit brevis aut nullus tibi somnus meridianus».

Os nossos avós não admittiam este descanso: contudo havia uma certa tolerancia e entendiam que em certos mezes ou em certas estações do anno esse repouso era menos nocivo do que em outros.

Com effeito é realmente uma questão de methodo ou temperamento.

Assim, a um individuo volumoso, gordo, apoplectico, deve-se sempre prohibir o somno e luctar contra a molleza que segue as refeições, devendo estas, sobretudo a da noite, ser frugaes e compostas de alimentos de facil digestão.

Mas, se pelo contrario se trata de um dyspeptico, magro, nervoso, é muitas vezes conveniente aconselhar um pequeno descanso, mas sem dormir, apenas não fazendo movimento, o que será de grande utilidade para ajudar uma grande digestão preguiçosa, difficil e algumas vezes dolorosa.

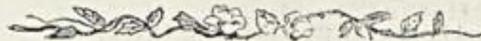
Para a grande maioria dos adultos está provado que um pouco de exercicio é muito mais necessario do que o descanso. Contudo este exercicio será executado lentamente e de todos elles o que mais indicado parece é a marcha.

Quasi todos nós fazemos muito menos exercicios do que deveriamos fazer e a marcha é na verdade, de todo o sport o mais simples, o mais pratico e o que mais está ao alcance de todos. Um ou dois kilometros que se andem pausadamente depois do almoço ou do jantar nunca farão mal a ninguem que esteja em um estado de saude normal e nunca darão motivo a uma perturbação da digestão.

Devemos, porém, lembrar-nos de que a quantidade de alimentos ingeridos, bem como a natureza d'esses alimentos, influem muitissimo sobre a disposição para a somnolencia.

Os que teem tendencia a abandonar-se em um fauteuil após a comida, devem ser os mais reservados: evitem as refeições grandes e pesadas á noite, comam pouca carne, e não bebam bebidas alcoolicas.

Eis, em resumo, as conclusões a que chegam os mais ecleticos physiologistas, afirmando que assim se evitará a dyspepsia e a obesidade, conservando-se ao mesmo tempo um bello humor, grande frescura d'espirito e actividade para o trabalho.



Madame Catulle Mendès

M.^{me} Jane Catulle Mendès, viuva do grande poeta que a morte arrebatou ha pouco ás letras francezas, poetisa ella mesma, cujo ultimo livro o Cœur magnifique fez successo no mundo litterario, e escriptora theatral, acaba de realizar, tambem a convite do visconde de S. Luiz Braga, duas conferencias no D. Amelia, a primeira: Les chansons populaires en France, a segunda Poetesses françaises.



Odillon Nestor

A' Olga

Que destino cruel, n'uma noite assombrosa,
te mergulhou p'ra sempre, oh! minha flôr querida?!
Brilhava o céu sem mancha... e, em teu frescor de rosa,
tu tinhas para o céu a doce fronte erguida!

Estranha ao teu pensar, entre os clarões da vida,
devera ser da morte a imagem tenebrosa:
e ah! na sombra eternal, tão depressa envolvida,
talvez nem se assustasse a tua alma medrosa!...

Por qual injusta lei, que a mente me tortura,
Sou eu quem vem chorar na tua sepultura,
tu que tão bella e moça ao pé de mim sorrias?!...

Da tarde, iam descendo, á frouxa luz, meus cantos.
E a vida, em plena aurora, a te cobrir de encantos...
Ah! podera eu morrer, e tu viver devias!...

Não, eu não sei dizer-te, ó doce companheira
como tudo morreu com o echo dos teus passos!
N'alma, que te entreguei, hoje feita em pedaços,
Não me ficou senão das illusões a esteira!

Agora, fale a voz da minha magua inteira:
como tudo morreu!... Fugiste-me dos braços
de tanto amôr, p'ra sempre, arrebatando os laços,
vasando-me do peito a gôta derradeira!

A seiva que em meu sangue, ardente fermentava,
provinha do teu ser! — e por ti, rebentava,
em madidos festões, a planta resequida...

Eu vi, d'um torvo cahos na confusão sombria,
morrer tão cêdo a flôr que sorridente abria:
pode tombar, sem custo, uma arvore sem vida!...

De joelhos, ante o horror do teu sepulchro mudo,
nos abysmos da dôr sinto a razão perdida!
Vê que supplicio atroz! — ficar-me a propria vida,
quando, em torno de mim, tudo se extingue, tudo!...

Eras ultima crença, e derradeiro escudo,
fortaleza e illusão!... Doce esperança erguida,
em meio do caminho, a um'alma já descrida,
poiso verde a sorrir, n'um penhasco desnudo...

E eis que tudo acabou!.. Restam doridos threnos,
d'uma ventura extincta o mais acerbo canto,
de quem, outr'ora, ouviste os madrigaes serenos.

Resta uma lousa fria, onde hei chorado tanto!
E a mortalha da noite... em que eu nem vejo, ao menos,
um só raio a luzir, entre as nevoas do pranto!..

Lisboa, outubro de 1909.

Odillon Nestor.

Os mosquitos e a botanica

Foi recentemente descoberto no Soldão do norte uma planta gozando da propriedade de afugentar os mosquitos.

E' a «ocimum viride», cujo cheiro se assemelha ao do tomilho e do eucalypto.

Um ou dois ramos d'esta planta, suspensos n'uma parede d'um quarto ou n'uma varanda, são sufficientes para pôr todos os mosquitos em debandada.

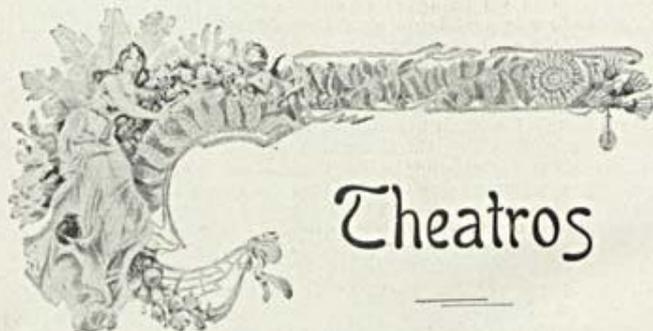
Além d'esta propriedade, goza a «ocimum viride» de uma outra não menos importante: é um febrifugo tão energico como o quinino, mas sem causar os prejuizos que o uso d'aquelle produz, quando tomado em grandes quantidades.

Os indigenas da Africa Oriental allemã servem-se, para afugentar os mosquitos, de uma outra planta, a «rumbasi», que possui as mesmas propriedades que o «ocimum».



João Maria Ferreira!

Auctor dos livros de versos: «Tristezas» «Hymno à Primavera»
«Manhã» e «Príncipe de Martyrios»



D. Maria, As Pupillas do Sr. Reitor, peça em 4 actos extrahida do romance de Julio Diniz por Anthero de Figueiredo. — **Trindade**, As Pupillas do Sr. Reitor, operetta em 4 actos extrahida do romance de Julio Diniz por Alfredo de Miranda e Accurcio Cardoso, musica de Philippe Duarte. — **D. Amélia**, O Canto do Cygne, peça em 3 actos original de Duval e Xavier Roux, traducção de Tito Martins. — **Príncipe Real**, Sol e Sombra, revista em 3 actos e 14 quadros, original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e Marçal Vaz, musica de Philippe Duarte e Carlos Caldeira. — **Gymnasio**, Vinte dias á sombra, comédia em 3 actos original de Maurice Hennequin e Pierre Veber, traducção de Portugal da Silva. — **Colyseu**. — **Rua dos Condes**. — **Avenida**.

Duas peças appareceram agora em palcos portuguezes extrahidas do romance de Julio Diniz — *Pupillas do sr. Reitor* — o mais

lido e afamado dos do saudoso escriptor. Uma, adaptada pelo distincto homem de letras Anthero de Figueiredo e outra, pelos srs. Alfredo de Miranda e Accurcio Cardoso, ornada de musica original do



João Phoca

Um dos auctores da revista Fado e Maxixe, actualmente em scena na Rua dos Condes



André Brun

Um dos auctores da revista Fado e Maxixe, actualmente em scena na Rua dos Condes

maestro Filippe Duarte, e que já na época passada se representou n'aquelle mesmo theatro por uma companhia do Porto.

Não são estas as primeiras adaptações á scena do bello romance. Já em tempos idos Ernesto Biester d'elle extrahira uma peça em cinco actos e sete quadros, que se representou na **Trindade**, mas que teve curta vida.

THEATROS

GYMNASIO — Vinte dias á sombra



(Cliché de A. C. Lima).

3.º acto

Conduziram os adaptadores de agora a acção de fôrma a desviar-se quanto possível da adaptação de Biester, e conseguiram, de ambas as partes, fazer um trabalho consciencioso e digno de elogio. Porém, aquellas scenas de um pittoresco tão suave, que Julio Diniz nos descreve com uma singeleza de estylo, que é toda a sua belleza, perdem, quando transportadas para o palco, uma grande parte do seu colorido e da sua poesia.

Creemos ser sobejamente conhecido o entrecho, e por isso nos abtemos de o relatar. Passemos, portanto, ao desempenho.

A personagem de *José das Dornas*, interpretada em **D. Maria** por Ignacio e na **Trindade** por Gomes, foi desempenhada por qualquer dos dois artistas com muita intelligencia, embora de maneiras diferentes. Ignacio deu-nos mais o typo descripto por Julio Diniz logo na primeira pagina do seu livro, — um velho lavrador sadio, folgazão que apesar dos seus sessenta annos desafiava em robustez e actividade qualquer rapaz de vinte. Gomes, pelo contrario, carregou de mais a personagem, envelheceu-a, deu-lhe todo o peso dos seus sessenta annos, mas, embora se desviasse da linha a seguir, é digno dos maiores elogios, porque se houve de uma fôrma brilhante e que não estamos habituados a ver em artistas de operetta. Excedeu tudo quanto d'elle esperavamos, que, verdade seja, já não era pouco. Ignacio teve uma scena magistral: — a leitura da carta. — E' impossivel ler melhor tão mal.

O Reitor foi desempenhado em **D. Maria** por Augusto de Mello, e nada mais será preciso dizer, pois todos sabem quanto elle é correcto e cuidadoso nos seus trabalhos. Na **Trindade** viu-o feito por Gabriel Prata que se defendeu muito bem.

Adelina deu-nos uma *Guida* magistral, o que já não succedeu com a sua collega Dalila Motilli, por não se coadunar o papel com o seu temperamento artistico.

Em **D. Maria** agradaram-nos por completo Cecilia na *Clara*, Joaquim Costa no *João Semana*, merecendo referencia um novo actor — Mendonça, se não estamos em erro — que desempenhou por fôrma a salientar-se o *João da Esquina*. Pareceu-nos um optimo elemento. Theodoro muito bem n'um pequeno papel.

Na **Trindade** completaram o bello conjunto Antonio Sá e Leitão, assim como Thereza Taveira e Maria Santos. Em summa, comquanto as *Pupillas* em theatro percam muito da sua belleza primitiva, é um facto que com musica ou sem musica, constituem um espectáculo agradável, tanto mais que nos dois theatros o guarda-roupa e o scenario são a rigor. Vae subir á scena o *Espadachim do Outeiro*, de Lopes de Mendonça.

E' encantadora a peça que foi agora no **D. Amelia** sob o titulo de *Canto do Cygne*. Quasi sem acção, baseada n'uma futilidade, o seu valor reside na finura, na leveza, na graciosidade do dialogo, todo de nuances delicadas, soberbo, delicioso!

A scena do segundo acto entre o *Marquez de Sambre* (Augusto Rosa) e *Madame Gercey Cordier* (Angela Pinto) é de uma finissima ironia e inexcedivel em galanteria. Augusto e Angela obtiveram n'essa scena uma grande triumpho. Não se pôde representar melhor, dar mais nitidamente a impressão do bello, ser mais artista do que elles o foram. Salientaram-se tambem no desempenho Luz Velloso, Henrique Alves e Chaby Pinheiro. A traducção excellente.

A *Revista* e *Sombra* viu a luz da ribalta do theatro do

Principe Real e podemos afirmar, pelo bom acolhimento que o publico lhe dispensou, que ha de permanecer longo tempo no cartaz, pois está bem observada e os ditos de espirito succedem-se a cada passo, conservando sempre alegre e bem disposto o espectador, que de cada vez se vae tornando mais exigente no genero.

Esta, porém, deve satisfazer-o, por completo. A par do muito espirito tem musica alegre e apropriada, e o scenario, devido aos pinceis de Augusto Pina, Luiz Salvador e Eduardo Reis, primoroso bem como o guarda-roupa. Todos os finais de acto são de um effeito surpreendente e o desempenho nada deixou a desejar. Carlos Leal foi um *compère* cheio de verve, Lucinda do Carmo e Amelia Pereira sublinhando o *couplet* com graça e gaiatice, Pato Moniz

foi um *disneur* magnifico nas estrophes dos *Luziadas*, e todos os demais contribuíram para o feliz exito da revista que é uma das melhores que temos visto.

Vinte dias à sombra é uma chistosa comedia em 3 actos traduzida do francez, que subiu ultimamente á scena no **Gymnasio** em beneficio do estimado actor Telmo. E' verdadeiramente uma peça para rir e que agradou sem reservas. Toda a engrenagem das situações, que são variadas e de um comico irresistivel, gira em volta do seguinte: — O *Marquez de Merville* (Henrique de Albuquerque) esbofetou um policia quando assistia ao espectáculo nas *Variétés* em companhia de uma sua amante *Valentina de Mezan* (Rosa de Andrade), amiga intima de sua mulher. O marquez é condemnado a vinte dias de prisão, que são cumpridos por um seu amigo de collegio *Vautruche* (Telmo), um homem que por dinheiro se presta a tudo, tendo até feito vários exames por diferentes pessoas, etc., etc. Quando, porém, o marquez se julga livre do escandalo que o facto produziria se a mulher o soubesse, apparece-lhe em casa um tal *Tronille* (Cardoso) que esteve na prisão com *Vautruche*, que nunca vira, mas com quem trocára impressões pelo cano do fogão, tendo-lhe aquelle offerecido o seu prestimo quando se achassem livres, dando-lhe, está claro, o nome e a morada do *Marquez*. Junta-se a isto a apparição do juiz que condemnou o *Marquez* e, far-se-ha, decerto, uma pequena idéa da embrulhada que d'aqui resulta.

Merece os mais rasgados elogios o actor Henrique Albuquerque pela fôrma brilhante como representou o difficil e fatigante papel do *Marquez*. E' um trabalho que valorizou o seu merito.

Não lhe regateou o publico applausos, assim como a Telmo, que foi extremamente comico no *Vautruche*. Cardoso muito bem no *Tronille*, merecendo destaque a scena da bebedeira no terceiro acto. Augusto Machado foi um juiz austero e Vieira Marques deu-nos um advogado bastante comico. Rosa de Andrade muito graciosa no papel de *Valentina Mezan*, assim como Judith na *Collete*. Maria del Carmen, muito conscienciosamente na *Madame La-Hire*. No **Parraizo de Lisboa** ensaia-se a *Revista Prato do Dia*, que vae breve á scena.

A companhia que trabalhava no **Colyseu dos Recreios** passou para o **Real Colyseu**, tendo já feito a sua estreia n'aquella sala de espectaculos uma companhia infantil de opera italiana que está sendo applaudidissima.

No **Rua dos Condes** continua em pleno successo o *Fado e Maxisse* e no **Avenida** a revista *Sol-e-dó*, das quaes já falámos, preparando-se para breve uma peça militar de grande espectáculo.

Ruy.

Theatros. — AVENIDA — Sol-e-Dó



(Cliché de A. C. Lima).

Um detalhe do ultimo acto

1.º plano — Da esquerda para a direita: Dolores Rentini e Julia Paredes

2.º plano — Leopoldo Froes, Isabel Ferreira, Isaura Ferreira, Alvaro Cabral e João Silva

Na varanda — Alfredo de Carvalho

